

Entrevista a António Ramos Rosa

Entrevista realizada por Maria Raquel Andrade,
22 de Junho de 2008.

Entrevistámos o poeta algarvio num fim de tarde quente, no jardim do seu actual retiro, no Restelo.

Chegava-nos de longe o bulício constante, quase monótono, da cidade. Em torno de nós, os torniquetes de rega banhavam regularmente a relva e uma onda de frescura invadia todas as coisas.

Era bom estar ali, junto de um poeta sereno e sábio, que começou por exteriorizar e partilhar connosco, como é seu hábito, o pensamento que lhe ocupava o espírito, no momento da nossa chegada:

ARR. — Nas antigas civilizações, mesmo anteriores à da Grécia, os filósofos afirmavam que “Tudo está no Tudo».

E, perante a nossa surpresa ? porque não podemos ser senão surpreendidos, quando o transcendental irrompe, assim, abruptamente, no prosaico das nossas vidas ?, o autor de *O Livro da Ignorância* procurou clarificar a enunciação que acabava de fazer com o princípio filosófico de Anaxágoras:

ARR — Anaxágoras diz a mesma coisa com a afirmação:”O que está numa parte do todo está no Todo”.

Sabe-se quanto este poeta bebe a sua poesia na filosofia de todos os pensadores, gregos ou modernos. A nossa estranheza foi, por isso, desaparecendo e, desejando não interromper, primeiro, um silêncio prolongado; depois, o fluxo dos seus pensamentos, ouvimos atentamente a sua divagação:

ARR — Acabei, agora, de ler um livro de Yves Bonnefoy sobre a relação da Poesia e da Música.

E mostrando-nos um fino volume, *L'Alliance de la Poésie et de la Musique*, daquele autor, passou a ler: “Nous avons tous, cependant, non pas simplement entendu mais écouté, à des moments de nos vies – souvent dès l’enfance – le bruit des gouttes d’eau d’une averse frappant quelque toit ou vitre tout près de nous”.

E tentando estabelecer uma relação com a ideia com se iniciara a nossa conversa, António Ramos Rosa continuou a leitura:

ARR — “Ce bruit, c’est l’Un du monde s’ouvrant et nous qui écoutons les gouttes se succéder de cette manière, nous voici au rebord du gouffre, nous ressentons ce qu’y tomber pouvait être, nous sommes à la fois le particulier, totalement resseré sur son instant et son lieu et cette unité maintenant presque vécue.”¹

MRA — Como se deduz, a música e a poesia levam-nos à participação no Todo...

ARR — Sim, mas há certos criadores que consideram que não são poetas, apesar da música e da riqueza pictórica da sua palavra. É o caso de Henri Michaux, que afirma que não é poeta. E, no entanto, é considerado um dos poetas mais originais da Modernidade, reconhecido pela primeira vez por André Gide.

MRA. — Conheceu pessoalmente Henri Michaux, António? – perguntei, consciente da vasta rede de relações que António Ramos Rosa estabelecera, ao longo da vida, com poetas de todas as nacionalidades e culturas.

ARR — Não. Escrevi um dia um artigo, na revista *Árvore*, sobre a sua poesia e a de Paul Éluard.

MRA. — Teve sempre essa generosidade, António... a de nos dar a conhecer a poesia de tantos poetas e filósofos da Europa e da América latina, sobretudo... E numa evocação luminosa, mas serena, Ramos Rosa lembrou outros poetas do seu tempo: Paul Célan, René Char...

ARR — René Char, esse sim, enviava-me textos em prosa, numa letra lindíssima, que eram lindíssimos, numa prosa poética invulgar.

E, depois de um parênteses em que lembrou a sua já proverbial distração e desorganização, o lamento sincero:

ARR — Tenho pena de ter perdido essas cartas...

MRA — Nunca foram encontradas?

ARR — Sim, descobrimo-las mais tarde, por baixo de uma pilha de jornais, mas, depois disso, voltei a perdê-las. É por isso que me dói ouvir o nome de René Char...

MRA — Mas correspondeu-se com muitos outros poetas...

ARR — É verdade! Como era correspondente de uma revista internacional, *Courrier du Centre International des Études Poétiques*, com sede na cidade belga de Liège, o seu director, Ferdinand Verhesen, mandou-me, um dia, um livro de poesia da sua autoria. Entusiasmado, escrevi-lhe uma carta, uma espécie de ensaio. Ele gostou muito. Escreveu-me, depois, dizendo que era a melhor carta que alguma vez tinha recebido.

MRA — Verhesen tinha consciência que estava a lidar com um grande poeta, António...

ARR — As suas palavras fazem-me lembrar um episódio da minha adolescência... A primeira vez que vim a Lisboa foi para consultar um grande médico, o Dr Barahona Fernandes, na Praça Camões. Expus-lhe o meu problema psicológico, próprio da adolescência. Disse-lhe que não encontrava sentido na vida.

Então, arrastando-me para a janela, fez-me reparar na multidão que se deslocava, lá em baixo, na Praça:

“Vê todas aquelas pessoas? Todas elas têm um sentido na vida...”

Depois, num aparte para a minha mãe, acrescentou: “O seu filho há-de ser um grande homem...”

MRA — Como as palavras deste médico estavam cheias de verdade, António!...

ARR — Se sinto que tenho algum valor, é pela diferença que há entre mim e aqueles que eu admiro.

E a sua confissão era, como sempre, um reconhecimento humílimo da sua grandeza.

Uma sinfonia de passarinhos veio, neste momento, associar-se à intensidade do instante e à frescura da tarde. Era um momento de forte emoção que os grandes homens sabem conter ou traduzir tão bem...

MRA — Desde sempre, o António afirma essa relação da sua poesia com o já lido, o apreendido...

ARR — É verdade! As minhas emoções e criações não valem nada se não tiverem uma relação com outras pessoas ou obras já feitas.

MRA — É claro! No entanto, tudo o que foi apreendido é recriado pela palavra “verde”, genesiaca, da sua Poesia, António. E são outros universos que surgem...

ARR — É certo que um escritor também pode ter sorte. Tenho um livro, *Meditações Metapoéticas*, que escrevi com o Robert Bréchon. Se eu não o tivesse conhecido (já o conhecia, antes, por ensaios e traduções de Pessoa) nunca teria escrito a poesia desse livro que também tem o título *Méditations Metapoétiques*.

Um silêncio se instalou entre nós. Parecia ser uma evocação dolorosa.

E, procurando retomar o fio condutor da nossa conversa, perguntei a custo, por ter de o subtrair à corrente de emoções e memórias que parecia assolá-lo:

MRA — Não manteve também correspondência com poetas latino-americanos?

ARR — Também me correspondi com alguns poetas espanhóis da geração de 27, com Jorge Guillén, por exemplo, que conheci pessoalmente. E com ficcionistas brasileiros, como Lins do Rego e Murillo Mendes, casado com Maria da Saudade, filha de Jaime Cortesão.

Recordo muitas curiosidades de Murillo Mendes. Um dia em que ele estava acompanhado de Camus, telefonou a Carlos Drumond de Andrade para o convidar a estar com eles e almoçarem juntos. Sabe o que respondeu Carlos Drumond de Andrade?

MRA — ???

ARR — Recusou, dizendo que não lhe interessava a Filosofia.

Compreende-se o ar escandalizado de António Ramos Rosa, que sempre se valeu da Filosofia como ponto de partida para a criação poética. Depois, o seu rosto iluminou-se pela evocação de curiosidades sobre Murillo Mendes, sobre a sua vertente humorística:

ARR — Murillo era contestatário e cheio de humor. Um dia, num concerto, em que a música era medíocre, abriu um chapéu-de-chuva, para protestar. Um funcionário veio chamá-lo à atenção, pedindo-lhe que fechasse o chapéu. O escritor pediu-lhe que lhe mostrasse um documento onde estivesse escrita a proibição. Veio, depois, o director da Casa, pedir-lhe que fechasse o chapéu. Murillo Mendes teve a mesma reacção: “Mostre-me o documento!”, insistia. Mas, quando se preparava para fechar o chapéu-de-chuva, o auditório gritou: “Não feche! Não feche!”.

Os olhos do Poeta de Faro estavam, agora, cheios de uma luz quase pícara, como o pícaro evocado. Aprovando, talvez, a contestação à mediocridade?! Ou recordando outros tempos, outras pessoas?

Não pudemos deixar de sorrir, face à cumplicidade de dois grandes criadores.

ARR — Que horas são? É que tenho de ir jantar...

É sempre a custo (pelo menos, para nós...) que damos por terminadas as nossas conversas, mas a verdade é que sempre trazemos connosco o eco do saber e do viver de um grande Poeta.